

ESTUDOS IBÉRICOS EM PORTUGAL: UM LONGO, DESAFIANTE E COMPENSADOR CAMINHO

Maria de Lurdes C. Fernandes

Faculdade e Letras da Universidade do Porto

<https://orcid.org/0000-0002-0787-2974>

Quando, nos inícios dos anos 80 e por desafio do meu orientador, o Prof. José Adriano de Carvalho, iniciei a minha investigação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, primeiro para me submeter às “provas de aptidão pedagógica e capacidade científica” que teria de realizar na qualidade de “assistente estagiária”, depois para a preparação do doutoramento sobre “o tema do casamento na literatura e cultura portuguesas da Época Moderna”, estava longe de imaginar a vastidão e o potencial deste desafio. Sobretudo, não intuía então, nos meus vinte e poucos anos, que essa investigação me conduziria, muito rapidamente, para uma irreversível perspetiva de reconhecimento e valorização da força dialogante e complementar das culturas e literaturas ibéricas, particularmente naquele período histórico-literário.

O tema escolhido, ainda que limitado então à investigação sobre a literatura portuguesa, tinha já um enquadramento historiográfico com relevância no domínio dos estudos históricos e sociológicos europeus, sobretudo em França e em Inglaterra. Mas se no campo da historiografia europeia o tema do casamento contava já com nomes e publicações de referência, nomeadamente no domínio da história económica e social e da demografia, no campo da literatura eram ainda escassos e pontuais ou muito específicos. Em Portugal praticamente nulos.

No que diz respeito às relações das culturas portuguesa e espanhola, domínios em que, em termos letivos e de investigação, fui assumindo responsabilidades nos anos 80, sobressaíam então, pela sua amplitude e novidade historiográfica, os estudos decorrentes dos doutoramentos de José A. Carvalho sobre Gertrudes de Helfta e de Maria Idalina Resina Rodrigues sobre Fr. Antonio de Guevara em Portugal. Só tardiamente nessa década e nos anos 90 se foram multiplicando, ainda que gradativamente, os estudos sobre as influências espanholas na literatura portuguesa e, em menor volume, os estudos específicos de investigadores portugueses sobre obras e autores espanhóis.

Por isso, não terão tido consequências notórias, até aos anos 70, os “estrondosos aplausos” que em 1921, no Porto, terá recebido uma conferência proferida por Ricardo Jorge no Congresso Científico Luso-Espanhol sobre *A Intercultura de Portugal no Passado e no Futuro*, segundo testemunha Carolina Michaëlis de Vasconcelos no prefácio à edição do texto.¹ Nessa altura se queixou Ricardo Jorge de vivermos “tão apartados ambos, espanhóis e portugueses, como se os panos de uma muralha da China nos vedassem a raia, sem portas nem postigos. Hoje que êste congresso de mutualidade espiritual, coroando os esforços pertinazes dos que lá e cá se teem devotado à cruzada da fraternização científica da península, vai abrir uma brecha victoriosa na rocha dêsse muro fronteiroço, devassando-o e aluindo-o. Abalanço-me a encarar de relance as relações intelectuais dos dois países ibéricos...”²

Muito justamente acentuou também o quanto a literatura portuguesa beneficiou dessa relação, por esta lhe ter aberto as portas a

1 JORGE, Ricardo, *Intercultura de Portugal no Passado e no Futuro*. Porto: Araújo e Sobrinho, Scrs, 1921, p. xiii.

2 *Ibid*, p. 3.

uma projeção europeia que dificilmente existiria se ela não tivesse ocorrido:

“Por via da nossa irmã mais afortunada em posição, se facilitou o acesso das obras portuguesas ao cosmopolitismo. A Espanha traduz os nossos versistas e prosistas. Duas vezes domina o génio português no gosto literário da Europa, primeiro nos livros de cavalaria, depois nas novelas pastoris; os padrões do género que lhes criaram o favor geral, são retintamente portugueses, para aqueles o *Amadís de Gaula* de Lobeira e o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, para estas a *Diana* de Jorge de Montemór – mas a todos o castelhano serviu de passaporte para a celebridade mundial. Arriscava-se então como hoje o livro português a ficar no limbo escuro pela minguada do meio”.³ Sabemos todos que, independentemente do seu reconhecido mérito literário, o sucesso de José Saramago no século XX podia não ter sido o mesmo sem a sua forte presença no país vizinho, sem as suas traduções e os seus ecos em todo o mundo...

É certo que os anos 30 e 40 ibéricos não foram, compreensivelmente, ideais para trabalhar ou aprofundar essa perspectiva de aproximação ou de valorização da sua “intercultural”. Nem mesmo as décadas seguintes, marcadas por circunstâncias e ideologias políticas que, dos dois lados da fronteira, dificultaram a livre circulação de ideias e projetos dinamizadores ou mesmo potenciadores das relações culturais.

Os anos 80 vieram alterar progressivamente este panorama. Mas foi uma evolução lenta. Quando iniciei os estudos sobre o tema do casamento na literatura os estudos não eram, de todo, suficientes para se ter uma base sólida para elaborar um “estado da arte”. Além disso, o acesso, em Portugal, à bibliografia mais recente era então ainda difícil,

3 Ibid., p. 18.

não só pela sua escassez em bibliotecas e livrarias, mas também porque os catálogos destas eram ainda em papel, chegavam por vezes tardiamente, os pedidos demoravam a ser atendidos. E, claro, não havia catálogos digitais e muito menos versões digitais de livros e revistas que permitissem sequer a sua rápida identificação e localização.

No entanto, porque eu partia de um contexto académico e cultural que valorizava a leitura sistemática dos textos, o seu conhecimento aprofundado e comparado, iniciei, com o apoio de uma bolsa do então INIC, uma busca quase contínua nas principais bibliotecas históricas portuguesas (Porto, Lisboa, Coimbra e Évora) e em diversas bibliotecas espanholas (sobretudo Salamanca e Madrid), assim como na BNF, de textos que, produzidos naquele período histórico-cultural e literário genericamente designada por *Época Moderna*, abordassem o tema do casamento. E foi então que, mês após mês, de catálogo em catálogo e de biblioteca em biblioteca, fui deparando com um vasto mundo, ainda não identificado ou tratado criticamente, de obras doutrinárias e literárias espanholas que se haviam debruçado, total ou parcialmente, sobre o tema. Pude então ir confirmando, na prática, nas leituras sistemáticas, que só uma contextualização europeia e, muito especialmente, ibérica poderia dar sentido ou permitir compreender o alcance, os sentidos e também a originalidade ou especificidade de muitos textos da cultura e literatura portuguesas daquele período. E não tive já então dúvidas de que essa contextualização também permite enriquecer a literatura portuguesa, porque lhe confere maior alcance cultural e simbólico ao evidenciar os seus diálogos, os seus pressupostos teóricos ou doutrinários, o seu enquadramento intelectual e a originalidade da sua criação no contexto português.

Muito rapidamente também percebi, pessoal e comprovadamente, que as bibliotecas portuguesas com fundos antigos – em especial dos séculos XVI, XVII e XVIII – estavam pejudadas de muitas obras espa-

nholas até então não valorizadas nos estudos da cultura em Portugal e que nos foram chegando por via não só das bibliotecas monásticas e conventuais, mas também privadas (essencialmente nobres) daquele período. Tornou-se então profundamente evidente que o fosso entre o volume da documentação portuguesa e da espanhola (impressa ou manuscrita) só seria preenchido pela compreensão dessa circulação de obras e da sua leitura, direta ou indireta, porque lidas ou ouvidas, ou porque essa circulação era ancorada em ideias que a cultura oral, tão forte naquele período, ia disseminando.

E assim, pela vastidão das fontes documentais com que me fui deparando, pela relevância e diversidade das obras de vários tipos – sobretudo doutrinárias – espanholas e, em muito menor número, portuguesas, foi-se acentuando a consciência da necessidade de sistematizar, em termos metodológicos e conceituais, a vasta produção teórica e doutrinária para que a análise dos textos literários revelasse a multiplicidade dos seus sentidos. Só que o trabalho de investigação e de análise dos textos foi-se alargando, os capítulos da tese foram-se estendendo e evidenciando cada vez mais a complexidade das relações culturais no mundo ibérico e no seu contexto europeu. E foi ficando cada vez mais clara a necessidade deste enquadramento teórico e da cultura doutrinária da época para interpretar muitos dos textos literários daquele período histórico-cultural. E a tese já levava, então, 700 páginas em letra de forma... Acabei por deixar a literatura *strictu sensu* para o pós-doutoramento...

Mas os caminhos cruzados da investigação e do ensino nem sempre são lineares. Ou quase nunca o são. E o mundo imenso com que me tinha deparado, aliado às solicitações várias que tornam mais complexa a gestão de práticas multidisciplinares ou de fronteiras disciplinares – como é a da História e a da Literatura –, assim como os compromissos que se vão assumindo no quadro de um grupo de investigação, obrigou a dispersar o foco e a ir abordando dimensões

temáticas muito díspares – perdendo com isso a análise sistemática de muitos textos que gostaria de ter realizado...

Ficou-me sempre, contudo, a marca profunda dos diálogos das culturas ibéricas e da necessidade contínua do aprofundamento e alargamento da sua compreensão, mas também da descoberta de mais caminhos cruzados, com aproximações e afastamentos, ao longo da nossa história.

A lecionação da Literatura e da Cultura Espanhola na FLUP agudizou esta perspetiva. Fosse ela a literatura do “Século de Ouro”, fosse a da “Ilustração” fosse a da “Geração de 98” ou da “Geração de 27”, a necessidade comparativa e a perceção das interinfluências nunca desaparecia, antes se acentuava. E crescia a convicção de que era necessário (re)valorizar institucionalmente o diálogo entre hispanistas portugueses e espanhóis.

Foi no âmbito desta convicção, que mantenho viva, que sonhei, no virar do milénio, com a criação de um “palco” capaz de aprofundar e evidenciar esse diálogo e os modos como se foram (re)criando as relações culturais entre Portugal e Espanha ao longo da nossa história. Como só em trabalho de equipa se podem concretizar projetos que têm de ser coletivos, um grupo de colegas da FLUP, com a “cumplicidade” de colegas de outras universidades portuguesas e espanholas, nasceu, com resistências, mas também com abraços calorosos, a *Península: Revista de Estudos Ibéricos* (que rapidamente foi conhecida apenas como *Península*). Foi um projeto de grande empenho e dedicação do grupo redatorial, que contou com a adesão entusiasta de um Conselho Científico composto de reputados especialistas, sobretudo portugueses e espanhóis, que muito nos motivou e deu o alento para o pôr em marcha a partir de 2003.

O n.º 0/2003 – aquele que quisemos usar para, em simultâneo, homenagear o Hispanista que tem sido José Adriano de Carvalho – deu o mote, assumindo claramente o tema das relações culturais

entre Portugal e Espanha numa perspetiva multidisciplinar: “da literatura às artes, do pensamento às práticas culturais”, dando espaço também à expressão das “várias línguas do espaço ibérico”. Sem complexos, assumimos que das relações culturais e literárias ibéricas “fazem parte também os equilíbrios das suas continuidades e das suas mudanças, as convergências e as divergências ou singularidades (...) em diferentes momentos históricos”⁴ e apelámos desde logo à colaboração a investigadores de diferentes formações, para promover os estudos e a discussão de perspetivas e interpretações sobre a história das culturas e das literaturas ibéricas, nomeadamente nos seus momentos de maior intercâmbio, de colaboração ou, mesmo, de confronto.

Durante 6 anos, em cada primavera, ela foi saindo ininterruptamente, quase sempre associada à organização de colóquios internacionais e de “Jornadas de Cultura Espanhola”, para que o legado escrito fosse previamente objeto de apresentação e debate entre pares, de discussão e amadurecimento de estudos e perspetivas analíticas.

A *Península*, por vicissitudes que resultam dos caminhos individuais, de políticas institucionais ou, mesmo, de ciência acabou por ficar “suspensa”. Conscientemente, nunca declaramos o seu “fim”. Porque nunca verdadeiramente o quisemos. Mas não foi humanamente possível continuar a funcionar nos mesmos moldes.

Pese embora a passagem do tempo e a distância que ela cria, espero sinceramente que um dia possa “renascer”, em novos moldes ou em “nova série”, ou num novo modelo, talvez interinstitucional, que permita continuar a colocar em palco visível e continuado os diálogos colaborativos entre investigadores, as perspetivas distintas e complementares necessárias a um melhor e mais profundo conhe-

4 *Península*... “Apresentação”, p.7.

cimento do nosso património literário, da diversidade e das identidades culturais ibéricas que nos fazem diferentes e similares ao mesmo tempo...

Além da multiplicidade de estudos de âmbito comparatista ou comparado que têm sido publicados nas últimas duas décadas, merecem realce especial as publicações que têm assumido ou se têm enquadrado *expressamente* no campo dos “Estudos Ibéricos” em Portugal – como têm assumido Antonio Sáez Delgado e António Apolinário Lourenço e o comprova este volume da *Revista de Estudos Literários* –, assim confirmando a relevância e a potencialidade deste domínio de investigação e lecionação, alargado a todas as épocas histórico-culturais e literárias. Falta ainda em Portugal um doutoramento em Estudos Ibéricos. Talvez um alargamento aos estudos ibero-americanos no quadro de uma cooperação interinstitucional possa um dia permitir a sua concretização. Então os Estudos Ibéricos atingirão em pleno a sua “maioridade”...

Julho de 2021